



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

RIBAMAR FERREIRA DE LIMA NETTO

**UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O FENÔMENO HUMORÍSTICO
DISCURSIVO ATRAVÉS DA AMBIGUIDADE: O *MEME* EM TEMPOS DE
PANDEMIA DA COVID-19**

João Pessoa

2022

RIBAMAR FERREIRA DE LIMA NETTO

**UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O FENÔMENO HUMORÍSTICO
DISCURSIVO ATRAVÉS DA AMBIGUIDADE: O *MEME* EM TEMPOS DE
PANDEMIA DA COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal da Paraíba, como pré-requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras Português.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Mano Trindade Ferraz.

João Pessoa

2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

N476i Lima Netto, Ribamar Ferreira de.
Uma investigação sobre o fenômeno humorístico
discursivo através da ambiguidade: o meme em tempos de
pandemia da covid-19 / Ribamar Ferreira de Lima Netto.
- João Pessoa, 2022.
39 f. : il.

Orientação: Mônica Mano Trindade Ferraz.
TCC (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Discurso humorístico. 2. Covid-19. 3. Meme. 4.
Ambiguidade. I. Ferraz, Mônica Mano Trindade. II.
Título.

UFPB/CCHLA

CDU 801

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS

ATA DE APRESENTAÇÃO DE MONOGRAFIA

Ata da sessão de apresentação de Monografia para obtenção do grau de Licenciatura, conferido a **Ribamar Ferreira de Lima Netto**. Ao vigésimo quinto dia do mês de novembro de dois mil e vinte e dois, reuniram-se, na UFPB, Campus I, João Pessoa, os membros da Banca Examinadora, composta pelos Professores Mônica Mano Trindade Ferraz, Maria Leonor Maia dos Santos e Thiago Magno de Carvalho Costa, com o objetivo de proceder à arguição da monografia intitulada **UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O FENÔMENO HUMORÍSTICO DISCURSIVO ATRAVÉS DA AMBIGUIDADE: O MEME EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19**, requisito conclusivo para obtenção do grau de Licenciado em Letras - Língua Portuguesa. Após a arguição, os membros da Banca reuniram-se para deliberar sobre a nota a ser atribuída à Monografia. A presidente da sessão comunicou ao aluno e demais presentes que, por decisão da Banca, foi atribuída à monografia a nota _____. Nada mais havendo a tratar, lavrou-se a presente ata, assinada pelos membros da Banca. João Pessoa, 25 de novembro de 2022.

Mônica Mano Trindade Ferraz (Presidente)

Profa. Dra. Maria Leonor Maia dos Santos (DLPL)

Prof. Dr. Thiago Magno de Carvalho Costa (DLEM)

Profa. Dra. Mariana Lins Escarpinete (Suplência - DLPL)

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus Todo poderoso, fonte de toda sabedoria e de toda força que me trouxe até este momento. Muitos foram os obstáculos para chegar até aqui, mas tudo o que eu te pedia era coragem para permanecer no caminho. Eis-me aqui, como era para ser. A ti, Senhor, toda honra e toda glória.

À minha família que, mesmo distante, acompanhou, batalhou, chorou e sorriu diante das quedas e das vitórias que tive ao longo dessa trajetória. Registro aqui, individualmente, minha eterna gratidão à minha mãe Cynthia, que, à sua maneira, mostrou-me o caminho da vida, devendo esse ser explorado sempre com os pés no chão, sem que nunca desacreditemos de que somos capazes. Ao meu pai Eduardo, agradeço por ser, além do meu maior exemplo de homem, permanecer na minha vida como melhor amigo e consciência. Ao meu irmão Miguel, apesar das distâncias, partilho a imensa vontade de poder amá-lo e ensinar-lhe tudo aqui que nossos pais nos deixaram. Vocês são a fortaleza que Deus escolheu neste mundo para que eu sempre possa chamar de lar.

À minha avó, a professora Maria das Graças Pereira de Araújo (*In memoriam*), que não apenas me fez resistir, mas que do começo da minha vida até o fim da sua, preparou-me, sem que soubéssemos, para a jornada mais bela de nossas vidas: a educação.

Ao meu avô, Francisco Pereira de Araújo (*In memoriam*), cuja lembrança se mantém fortemente viva em meu coração de que um dia poderia ver eu me tornar um grande homem. Mal sabe ele que quisera eu ser pelo menos metade do que ele foi para nós.

Aos meus tios Fábio, Ricardo, Soraya e Éricka, por estarmos cada vez mais unidos e por me lembrarem da importância de seguir em frente com meus objetivos.

À minha tia Márcia (*In Memoriam*), Pedro, Walter, Ismael (*In memoriam*), Luciana, Vivi e tia Fafá pelo seu importante papel familiar enquanto estive no exercício de prosseguir nessa jornada. Obrigado por me ajudarem em escolhas significativas para o meu futuro, e por todo amor que mantivemos nesse percurso.

À minha amada Camila Xavier, que mesmo diante de tantos percalços nas nossas vidas se manteve firme ao meu lado, alimentando-me com sua força e coragem quando, muitas vezes, nem eu lembrava que possuía. Mas hoje, lembro-te de que nada disso teria sido possível sem você. Espero que tenhamos uma vida inteira juntos, para que eu possa expressar minha gratidão e todo o meu amor por você.

A Maria Aparecida de Lima Francisco, cuja amizade verdadeira ajudou-me a revelar minha essência para a docência. Obrigado por sempre se manter ao meu lado.

A todos os meus amigos, sem exclusividades, pois vocês bem sabem que odeio mensurar o meu amor por vocês. Obrigado por cada gesto de afeto e de segurança em momentos desesperadores.

A todos os meus professores e colegas de trabalho, os quais sempre enxergaram em mim a perseverança no aprendizado.

À minha orientadora Mônica Ferraz, a quem eu devo minha eterna gratidão por aceitar esse desafio para que juntos pudéssemos entregar o melhor trabalho. Obrigado, professora, pela sua paciência, boa vontade, persistência, afeto e puxões de orelha. Obrigado por me ajudar a fazer esse momento acontecer.

Muito obrigado.

“Mas aqueles que esperam no Senhor renovam as suas forças. Voam alto como águias; correm e não ficam exaustos, andam e não se cansam”

(Isaías 40:31)

“Pois eu sou o Senhor, o seu Deus, que o segura pela mão direita e diz a você: Não tema; eu o ajudarei”

(Isaías 41:13)

RESUMO

A pandemia da covid-19 transformou completamente o cenário mundial e o convívio social, levando as pessoas a um longo período de isolamento, responsável por estabelecer uma dependência ainda maior dos meios digitais para a manutenção da comunicação e das atividades. Dessa forma, observou-se que, diante das incertezas sobre o futuro da saúde dos brasileiros, muitos buscaram amenizar as tensões do momento através do discurso humorístico encontrado no *meme*. Com isso, o presente trabalho possui o objetivo de analisar a ambiguidade como uma das principais relações semânticas encontrada nesses textos, servindo de base para uma construção cronológica e crítica da análise que revelará a importância do papel social desse gênero textual no presente momento. Para a análise do nosso *corpus*, selecionamos cinco *memes* que trazem situações de ambiguidade e contextos voltados à pandemia. A fundamentação teórica é constituída, sobretudo, pelas contribuições dos teóricos Bahktin e Marcuschi. Feita a análise, chegamos à conclusão de que o meme cumpre um papel social que vai além das relações de humor provocadas pela ambiguidade.

Palavras-chave: Pandemia. Covid-19. Discurso humorístico. Ambiguidade. *Meme*.

ABSTRACT

The covid-19 pandemic has completely transformed the world scenario and social life, leading people to a long period of isolation, responsible for establishing an even greater dependence on digital media for the maintenance of communication and activities. Thus, it was observed that, given the uncertainties about the future of Brazilian health, many sought to ease the tensions of the moment through the humorous discourse found in the *meme*. With this, the present work has the objective of analyzing ambiguity as one of the main semantic relationships found in these texts, serving as a basis for a chronological and critical construction of the analysis that will reveal the importance of the social role of this textual genre at the present time. For the analysis of our *corpus*, we selected five *memes* that bring situations of ambiguity and contexts focused on the pandemic. The theoretical foundation is constituted, above all, by the contributions of the theorists Bahktin and Marcuschi. After the analysis, we came to the conclusion that the meme fulfills a social role that goes beyond the relations of humor provoked by ambiguity.

Keywords: Pandemic. Covid-19. Humorous speech. Ambiguity. *Meme*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Figura 1 – Sistema de comunicação de Jakobson..... | 17 |
| Figura 2 – <i>Meme</i> “homem x leite” | 18 |
| Figura 3 – <i>Charge</i> “O que é aquilo no céu?” | 23 |
| Figura 4 – <i>Charge</i> “Meia cenoura” | 24 |
| Figura 5 – <i>Tirinha</i> “Concerto x conserto” | 27 |
| Figura 6 – <i>Manchete</i> “Ronaldinho preso” | 20 |
| Figura 7 – <i>Meme</i> “Corona vírus?” | 30 |
| Figura 8 – <i>Meme</i> “O farmacêutico e a tosse” | 31 |
| Figura 9 – <i>Meme</i> “O farmacêutico e a paciente com diarreia” | 33 |
| Figura 10 – <i>Meme</i> “Perfil de cadastro” | 34 |
| Figura 11 – <i>Meme</i> “Será mesmo o mesmo barco?” | 35 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 10 |
| 1 TEXTO, DISCURSO E GÊNERO: UMA TRAJETÓRIA DOS FENÔMENOS LINGUÍSTICOS | 12 |
| 1.1 Uma breve trajetória sobre o texto | 12 |
| 1.2 A concepção de discurso e os gêneros textuais | 14 |
| 1.3 O discurso humorístico | 15 |
| 1.4 Meme: um gênero textual virtual | 17 |
| 1.4.1 O <i>meme</i> no cenário virtual..... | 18 |
| 1.4.2 Características comuns entre o <i>meme</i> e o vírus | 19 |
| 2 INFERÊNCIAS SEMÂNTICAS E AMBIGUIDADE | 21 |
| 2.1 Inferências | 21 |
| 2.1.1 Pressuposição..... | 22 |
| 2.1.2 Inferência contextual | 24 |
| 2.2 Ambiguidade | 25 |
| 2.2.1 Ambiguidade lexical..... | 26 |
| 2.2.2 Ambiguidade referencial | 26 |
| 2.2.3 Ambiguidade fonética..... | 27 |
| 2.2.4 Ambiguidade estrutural | 28 |
| 3. ANÁLISE | 30 |

| | |
|------------------------------------|-----------|
| 3.1 Memes na pandemia | 30 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 37 |
| REFERÊNCIAS..... | 39 |

INTRODUÇÃO

A disseminação do Novo Coronavírus levou o mundo a uma realidade de pandemia e calamidade pública no contexto sanitário e social. Com conhecimentos ainda incertos sobre tal ameaça e a fim de evitar taxas de letalidade maiores do que esse inimigo da saúde viria a provocar, cidadãos de todas as partes do globo dependeram de um *lockdown*, ou um isolamento social, para evitar contaminações e, dessa forma, boa parte das atividades comuns, como a presença no ambiente escolar, precisou passar por adaptações a modelos remotos ou home-office, atividades dependentes da internet para sua sustentação.

Dessa forma, o convívio com o meio digital se tornou ainda mais intenso em praticamente todos os setores, e, com as relações sociais não foi diferente. Diante da incerteza de como a humanidade iria conseguir atravessar esse período que dependia, essencialmente, da celeridade no aprendizado sobre o assunto, coube a nós, portanto, precavermo-nos da covid-19 fazendo a manutenção adequada da higiene e evitando contatos físicos próximos. Ao longo dessa travessia, muitos indivíduos da comunidade virtual buscaram, por meio do *meme*, encarar o problema de uma forma menos pessimista a partir do discurso de humor. Para compor este gênero, seus autores (anônimos) lançaram mão de uma série de elementos que encadeassem a quebra de expectativa prevista nos textos humorísticos, entre eles as relações semânticas, com destaque para a ambiguidade.

Objetivamos, pois, analisar como esses aspectos semânticos auxiliaram na construção de *memes* vinculados à pandemia da covid-19, de modo a entender como o meio digital foi fundamental para a disseminação do alívio cômico, enquanto o vírus se disseminava no mundo real. De modo mais específico, delineamos três objetivos: a) fazer um levantamento e seleção de memes produzidos no período de isolamento social na pandemia; b) verificar como os aspectos verbais e não verbais se integram e são necessários na compreensão textual por parte do leitor; c) analisar o uso da ambiguidade como recurso semântico que conduz à quebra de expectativa, processo este necessário ao discurso humorístico.

A escolha do *meme* como objeto de estudo está relacionada ao fato de esse ser um gênero textual diretamente ligado aos meios virtuais e, com isso, reiterando a sua importância no discurso humorístico no período de isolamento social, em que o uso da internet se tornou intrínseco à manutenção das atividades. Ademais, sabemos que, além de se tratar de um gênero textual que tem sido cada vez mais estudado, nossa escolha pela leitura de *memes* produzidos

durante a pandemia se justifica pela necessidade de observar a relevância do seu discurso nos textos de humor, outrora muitas vezes limitado às tirinhas ou charges.

O trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro, buscaremos, inicialmente, trazer contribuições teóricas que nos orientaram na conceitualização sobre o que é texto, discurso e gênero textual. É sabido que tal discussão é ampla e diversificada, porém, a finalidade deste primeiro momento é a de podermos ofertar ao leitor uma breve noção sobre esses conceitos, que servirão de base para entendermos o próximo ponto deste capítulo. Com isso, estudaremos, em sequência, o discurso humorístico como fenômeno da linguagem o qual será responsável por caracterizar o *meme*, que, como último tópico deste capítulo, buscaremos entender sua origem, suas características de gênero e como ele se comporta no meio virtual.

O segundo capítulo é destinado aos aportes teóricos que nos auxiliarão, essencialmente, no entendimento das relações semânticas que encontraremos ao longo do trabalho. Nesse sentido, será apresentada, primeiramente, a importância das inferências para a construção de um sentido na interpretação textual, até que se possa alcançar os níveis mais implícitos que estão ligados aos textos de humor. Com isso, encontraremos, de maneira que possa auxiliar a exemplificação dessas relações semântico-textuais, o discurso humorístico em duas *charges*, responsáveis por ilustrar a *pressuposição* e a *inferência contextual* como fenômenos linguísticos presentes nesse discurso. Por fim, direcionaremos o capítulo ao conceito de ambiguidade e a algumas de suas modalidades encontradas na língua portuguesa, que servirão como peças-chave para a análise dos *memes*.

Em sequência, teremos no terceiro e último capítulo a análise exclusiva dos textos selecionados. Foram escolhidas, ao todo, cinco imagens representativas de *memes* que serão analisadas a partir de uma construção cronológica do comportamento de humor durante os diferentes momentos da pandemia. Além disso, buscaremos abordar características relevantes que ultrapassem os objetivos do discurso humorístico no *meme*, buscando ofertar ao interlocutor uma postura que eleve o seu senso crítico diante da intencionalidade dos textos, que se constroem a partir de aspectos verbais e não-verbais.

Finalmente, apresentaremos as considerações finais desse estudo e as referências utilizadas como base para a fundamentação teórica deste trabalho.

1.TEXTO, DISCURSO E GÊNERO: UMA TRAJETÓRIA DOS FENÔMENOS LINGUÍSTICOS

Em prévia ao aprofundamento das análises textuais dos *memes* selecionados, é preciso que contextualizemos a trajetória que fez com que esse gênero alcançasse suas características e essência. Com isso, dividiremos nosso primeiro capítulo em três partes. Inicialmente, abordaremos o conceito de texto, discurso e gêneros textuais. Em seguida, falaremos sobre o *meme* a partir da sua origem, sua condição atual no meio virtual e suas semelhanças com um *vírus*.

1.1 Uma breve trajetória sobre o texto

Antes mesmo de buscarmos entender a natureza de qualquer tipo de texto, faz-se preciso destacar que a sua origem provém de uma expressão linguística e cognitiva, capaz de fazer de um pensamento uma interação, com finalidades e objetivos próprios. A extensão do estudo desse fenômeno trouxe a teóricos como Bakhtin o interesse em especular não só a língua em si, mas também certo comportamento social ao qual ele chamará de enunciação. Em consonância com tal raciocínio, os autores Filho e Torga destacam que, para o referido teórico,

a língua é uma atividade essencialmente social dadas as condições inquestionáveis de comunicação entre os falantes. Nega, portanto, o objetivismo abstrato, que não aceitava a capacidade de as línguas evoluírem através do tempo, tampouco que a mesma só pode ser compreendida no seu processo real de uso. Nega, também, o subjetivismo individualista, que assume ser o indivíduo o centro de estudo da linguagem, como se não sofresse influências significativas do contexto que vivencia, direcionando sua fala para um outro. (FILHO; TORGA, 2011 p.4).

Em coalizão aos objetivos dessa atividade, encontraremos, pois, o texto. Este, por sua vez, dadas as circunstâncias do cotidiano, acaba se tornando o que muitos consideram a clássica definição de dicionário: um conjunto de palavras ordenadas com fins comunicativos¹. Nisso, tais eventos comunicativos podem ser direcionados a assuntos que vão desde a manutenção da fala pela sociedade civil até as transcrições científicas, além do que estudaremos adiante: o texto de humor.

Numa retomada científica, a linguística logo foi analisada e posicionada por diferentes aspectos e teorias.

¹ disponível em: <://www.significados.com.br/texto//>. Acesso em: 22.jul 2022.

Para muitos, o conceito de texto nunca chegou a ter consenso, uma vez que passa constantemente por transformações e ressignificações. Antes, o que se definia como um agrupamento de vocábulos, hoje, atende, também, às condições de significações não-verbais. É fato que o texto é um veículo de comunicação essencial para a condução de uma mensagem, e que, de acordo com Barthes:

o texto é de algum modo o englobante formal dos fenômenos linguísticos; é no nível do texto que se estuda o semantismo da significação (e não apenas mais da comunicação) (BARTHES, 2004, p.266).

Logo, entendemos que existem diferentes esferas e linhas de estudo para buscar uma definição para o que pode ser um texto, mas o que observamos é que há, sobretudo, um grupo de diferentes colaborações que nos fazem interagir cada vez mais com a conceituação. Sendo assim, Marcuschi admite que “o texto pode ser tido como um tecido estruturado, uma entidade significativa, uma entidade de comunicação e um artefato sociohistórico. De certo modo, pode-se afirmar que o texto é uma (re)construção do mundo e não uma simples refração ou reflexão.” (MARCUSCHI, 2008, p.72).

Em análise a isso, compreendemos que tal ideia ornamenta um pensamento que busca organizar onde, provavelmente, o texto será inserido. Com isso, o mesmo autor reafirma, em sua obra, o pensamento de Beaugrande (1997) sobre o texto ser um evento comunicativo em que ações linguísticas, sociais e cognitivas acabam convergindo. Isso nos inspira a pensar que existem “gatilhos”, que passam por uma intencionalidade, bem como um objetivo determinante para o surgimento de uma produção textual, a qual acabará por se encaixar num determinado gênero.

Dessa forma, tais contribuições acabam por dialogar, mais uma vez, com a importante construção estabelecida por Koch, quando indica que a produção textual

trata-se de uma atividade consciente, criativa, que compreende o desenvolvimento de estratégias concreta de ação e a escolha de meios adequados à realização dos objetivos; isto é, trata-se de uma atividade intencional que o falante, de conformidade com as condições sob as quais o texto é produzido, empreende, tentando dar a entender seus propósitos ao destinatário através da manifestação verbal; (KOCH, 2003, p.26).

Sob esse aspecto, percebe-se que uma das preocupações textuais se volta, inclusive, às construções semânticas envolvidas e ao seu direcionamento sociocultural, responsável pela atribuição de mensagens. Para tal discussão, deveremos, pois, nos preocuparmos, acima de tudo, com as tendências textuais que circulam dentro do meio digital de forma ascendente, uma vez que tal veículo de informação tem mostrado a expansão da expressividade linguística em

diferentes modalidades, as quais chamaremos de gêneros textuais. Para tanto, uma vez já especuladas as noções fundamentais sobre o texto, faz-se necessário conduzir nossa trajetória a um dos pilares essenciais que antecede até mesmo o próprio gênero: o discurso.

1.2 A concepção de discurso e os gêneros textuais

Se partirmos do pressuposto de que os textos merecem ser orientados e organizados a partir da sua temática e função, e assim poderiam se formalizar em gêneros, seria cabível afirmar que, sem a linguagem ou postura adequada, essa orientação pode vir a ser insuficiente para a eficácia da comunicação. Com isso, é válido introduzirmos a ideia de Marcuschi sobre o que ele chamará de ‘domínio discursivo’, antes mesmo de chegarmos aos conceitos de gênero textual.

“Usamos a expressão *domínio discursivo* para designar uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana. Esses domínios não são textos nem discursos, mas propiciam o surgimento de discursos bastante específicos. Do ponto de vista dos domínios, falamos em *discurso jurídico*, *discurso jornalístico*, *discurso religioso* etc., já que as atividades jurídica, jornalística ou religiosa não abrangem um gênero em particular, mas dão origem a vários deles. Constituem práticas discursivas dentro das quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que, às vezes} lhe são próprios (em certos casos exclusivos) como práticas ou rotinas comunicativas institucionalizadas.” (MARCUSCHI, 2005, p.4)

A partir dessa orientação, percebe-se que o domínio discursivo não só prepara ou antecede, mas reúne essencialmente os gêneros que permitem se agrupar dentro do mesmo contexto. Ainda em análise ao pensamento anterior, identifica-se nos exemplos do autor que o exercício do texto, mencionado como forma da manutenção da comunicação, organiza-se, antes de tudo, de acordo com as instituições às quais ela vai se direcionar. É nítido, portanto, que uma linguagem não apenas entre as diferentes esferas científicas, como também sociais, tornam-se parte de um discurso cuja tendência natural acaba de ser cada vez mais específica de um grupo ou contexto.

É necessário destacar que novos modelos de textos merecem ser analisados diante da intencionalidade subjacente a sua mensagem. Marcuschi afirma que os gêneros textuais funcionam como “entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis de qualquer situação comunicativa”. (Marcuschi, 2005, p.19). Dessa forma, percebe-se que, diante do comportamento e das necessidades atuais, o texto é regido de acordo com a estrutura a qual o gênero vai poder orientá-lo, a fim de que seu sentido possa alcançar o grupo ao qual se destina.

Numa sistematização pedagógica, teve-se, em 1998, com o ingresso dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), uma postura de que, para o ensino desse assunto, considera-se:

“Todo texto se organiza dentro de um determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos os quais geram usos sociais que os determinam” (BRASIL, 1998, p.21).

Desses ‘‘usos sociais’’ previstos no documento, pode-se incluir os veículos de comunicação nos quais estarão presentes esses gêneros, que podem interferir diretamente nas suas intenções comunicativas. Em alusão ao que desenvolveremos mais adiante, aquilo que se conhece hoje como ‘‘rede social’’ é responsável pela germinação constante de novos gêneros textuais.

Atualmente, com o advento da internet, através da sua evolução e democratização, tornou-se possível que as expressões de linguagem e comunicação pudessem alcançar diferentes objetivos. Muitos gêneros que antes estavam restritos ao mundo físico, como as cartas dos correios, logo, transformaram-se em *e-mails*, e essa correspondência entre os usuários do mundo virtual ganhou o impulso necessário para se transformar numa comunidade em constante ascensão. Em paralelo às contribuições teóricas de Bahktin e Marcuschi, percebe-se que a inauguração desse novo espaço para a comunicação, sobretudo em virtude do seu modo operacional, permitiu que houvesse cada vez mais do ‘‘novo’’.

Marcuschi ainda admite que ‘‘a tecnologia favorece o surgimento de formas inovadoras, mas não absolutamente novas’’ (Marcuschi, 2005). Isso alavanca a ideia de que o *meme* possa vir a ser um subproduto de um gênero textual já existente, mas que, com o advento da internet e seu poder de disseminação, viria a se consolidar. No mesmo texto, o autor exemplifica a transmutação da Carta Pessoal para o e-mail, ambas com o mesmo objetivo. A diferença consiste na rapidez da entrega e correspondência. Com isso, percebemos que esse *suporte textual* – a internet - é a peça-chave para a evolução e análise do estudo do *meme*. Esse gênero, que depende da velocidade de sua disseminação para que seja contemplado ou viralizado, no entanto, ainda que se enquadre em características do gênero, estaria limitado às fronteiras de seu público-alvo e à sua compreensão. A ele, dedicaremos mais à frente suas características.

1.3 O discurso humorístico

Vimos anteriormente que o domínio discursivo está intrínseco às relações dos gêneros textuais e sua funcionalidade. Contudo, é possível que, em muitos desses textos, ainda que em campos comunicativos distintos, encontremos o chamado discurso humorístico. Sabemos que, historicamente, manifestações de humor passaram por diversas interpretações que vão desde o alívio cômico social, como funcionava no teatro grego em peças como Medeia, de Antífanos

(408 a.c.), bem como nas cantigas de escárnio, presentes na Idade Média e condenadas pela igreja por seu tom satírico.

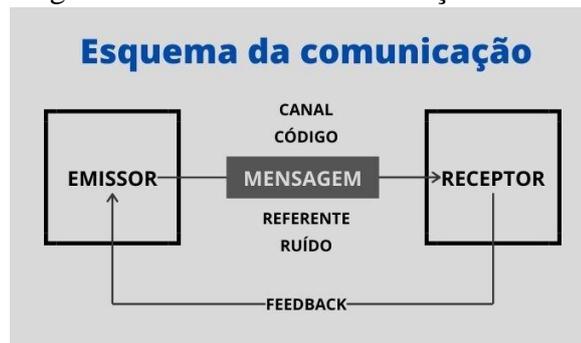
Diante disso, o fenômeno da linguagem que gera o riso teria sido organizado por Aristóteles desde a Antiguidade Clássica, no perdido texto da *Comédia*. Porém, ideias como as de Bakhtin forneceram ao objeto de estudo uma orientação em que o mesmo afirma que o “riso organizou as mais antigas formas de representação da linguagem, que inicialmente não eram senão qualquer coisa como o escárnio da linguagem e do discurso.” (BAKHTIN, 2010, p. 372).

Mesmo que a linguagem busque, através dos gêneros, a formalização de suas estruturas textuais, é fato que o referente relacionado a esses textos está passível de se tornar inválido, caso as intenções de humor não estejam expressas, ou seja, não haja um domínio discursivo para aquilo. Percebe-se, atualmente, que as circunstâncias de humor podem variar muito de acordo com o público-alvo para o qual o suporte textual venha a ser lançado.

Vemos, atualmente, que existem tipos diferentes de comédias responsáveis, muitas vezes, por caracterizar circunstâncias que vão desde o óbvio ao absurdo. É comum vermos em plataformas como *Instagram* ou *Youtube*, que existem artistas dedicados exclusivamente à defesa do seu discurso humorístico. Esse “humor”, nada mais é do que fenômeno realizado por um emissor que busca, diante dos seus recursos linguísticos e extralinguísticos, alcançar o riso de seu receptor de forma espontânea, buscando, dessa forma, adequar o seu discurso à enunciação da mensagem.

Existem gêneros textuais em que o discurso humorístico se manifesta de forma mais presente, pois, diante deles, o interlocutor já aguarda pelo momento em que haverá uma transição emocional que o levará ao riso. Como exemplo, pode-se citar a charge ou a tirinha, presentes veículos textuais do cotidiano. Entretanto, as relações aqui mencionadas entre emissor e receptor são oriundas do que conhecemos como elementos essenciais à comunicação.

É crucial destacar que não apenas o texto, por si só, é suficiente para agregar valor ao discernimento dos interlocutores. Para Jakobson, a linguagem deve ser concebida como uma parte integrante da vida social, além de ser estudada em toda a variedade de suas funções (JAKOBSON, p.11, 82, 2003). Tornou-se, válido, portanto, que, assim como para Bakhtin, o enunciado pudesse ser um objeto de estudo por meio de uma análise de fenômenos sociodiscursivos. Aquele autor foi o responsável por apresentar, em sua coletânea *Linguística e Comunicação* (1975), a formalização dos elementos fundamentais para a comunicação.

Figura 1 – Sistema da comunicação de Jakobson ²

Fonte: Google Imagens

É possível observar, nesse sistema, que, no conjunto de seus elementos, existe uma interdependência para que o enunciado possa, finalmente, ser conduzido de forma clara a cumprir seu objetivo de comunicação. Percebe-se que o estabelecimento de quaisquer discursos não provém, necessariamente, de uma condição aleatória. Eles nascem da possibilidade de contato entre um emissor e um receptor, graças à utilização de um código comum – como a língua portuguesa, por exemplo – mas que, inclusive por causa de seu caráter semântico, a mensagem pode não ser exatamente a que o locutor quiser destacar.

É possível encontrar diferentes estratégias linguísticas que podem ser usadas na construção de um texto humorístico. Essas podem relacionar elementos presentes na ortografia, fonética, sintaxe.

Para tanto, por mais que não seja necessário anunciar que o humor estará inserido num determinado texto, muitas referências as quais estão implícitas para que esse humor aconteça são justamente o objeto de análise deste trabalho. Por exemplo, um recurso como a ambiguidade, responsável pela necessária quebra de expectativa do texto humorístico, acaba se tornando característica essencial para que a interpretação de um *meme* ocorra como o desejado. Dito isso, indica-se que essas informações servirão de base para a análise crítica do meme.

1.4 Meme: um gênero textual virtual

O termo *meme* possui sua primeira menção no livro *O Gene Egoísta* (1976), do biólogo evolucionista e autor britânico Richard Dawkins. Entretanto, sabe-se que a palavra está associada, etimologicamente, ao vocábulo grego *mimema*, que pode ser traduzido como

² Disponível em: <<https://www.significados.com.br/elementos-da-comunicacao/>>. Acesso em: 22.jul out. 2022.

“imitação”. Dessa forma, as contribuições de Dawkins e seu evolucionismo consistem numa progressão evolutiva, não apenas *geno* ou fenotípica, mas, também, referente aos aspectos subjetivos ligados aos seres, como as emoções e a racionalidade.

1.4.1. O *meme* no cenário virtual

A leitura da *Figura 2* requer uma atenção a todos os elementos que os tornam um texto. Tanto os elementos verbais como não-verbais são essenciais para que se alcance a evidência humorística interligada entre essas ferramentas.

Figura 2 – *Meme* do homem x leite ³



Fonte: Google Imagens, 2022

A partir da leitura, no primeiro quadrinho, é possível identificar uma situação comum relacionada a um casal, em que mulher solicita ao seu companheiro uma pequena compra. Entretanto, a colocação utilizada na emissão dessa mensagem é o ‘gatilho’ fundamental para o humor ser concretizado na cena seguinte.

Em análise, o que irá determinar tal fenômeno é justamente a interpretação ambígua sofrida pelo interlocutor, que, por uma seleção na interpretação – e uma fatídica ausência de dúvida -, acaba por atender ao pedido da companheira à sua própria maneira.

³ Disponível em: https://www.reddit.com/r/HUEstation/comments/jrjcw4/tinha_batata/ Acesso em 13 set 2022

O fato é que a situação apresentada se vale de um recurso semântico conhecido como *ambiguidade*. É por meio do discurso da mulher que percebemos a ausência de elementos essenciais para uma compreensão maciça, e, por isso, abre-se margem para mais de um tipo de leitura, a qual é trabalhada de forma verbal e visual. A correção de essa sentença para que se adeque a um modelo único seria “Vá no mercado e traga 1 garrafa de leite, e, se tiver batata, traga 4 delas”.

Porém, destacamos aqui a intencionalidade do desvio para a formulação do humor. Sem ele, estaríamos lidando apenas com uma situação comum, sem expectativas do que poderia acontecer. Logo, entendemos a necessidade do jogo de leitura entre imagem e sentença, para que o meme cumpra o seu propósito como um gênero virtual. Seria incomum pensar que tal situação viesse a ocorrer no mundo real, pois, ainda que possível, os falantes da língua conseguem operá-la sem dificuldades diante da informalidade do discurso, com isso, “considerando que os gêneros independem de decisões individuais e não são facilmente manipuláveis, eles operam como geradores de expectativas de compreensão mútua.” (MARCUSCHI, 2005, p.15).

Dito isso, especulamos então o que faz com que um meme acabe se tornando um gênero textual em questão.

A construção da Figura 2, como já dito anteriormente, é formada de uma relação entre recursos que trabalham com a imagem e o texto verbal, mas é justamente pelo recurso semântico em que se pode perceber a condição de se compartilhar a situação nela descrita.

Veremos que os *memes* são textos facilmente disseminados no meio virtual, e que até mesmo a imagem utilizada para produzir a Figura 2 pode ser fonte geradora de outros tipos de situações humorísticas com base no cotidiano. Logo, o *meme*, ainda que conceituado por Dawkins como um replicador de informações entre seres, passa então a ser, com a expansão dos recursos virtuais, uma saga de textos em montagens cujo objetivo maior é a transmissão do humor, seja por inferências semânticas, desvios gramaticais ou expressões visuais. Portanto, diante de tais características, o usuário da internet consegue identificar facilmente de que aquele “texto-montagem” lida sobre um gênero textual que está cada vez mais em ascensão, podendo o próprio internauta ser também um autor dessa categoria textual.

1.4.2 Características comuns entre o *meme* e um *vírus*

Viralizar. Esse verbo nunca foi tão utilizado e rendido à lexicalização como nos dias atuais. Segundo a definição do dicionário⁴, o termo ‘viralizar’ significa “tornar viral, muito visto ou compartilhado por muitas pessoas, especialmente em redes sociais ou aplicativos de compartilhamento de mensagens”. Em contrapartida, o adjetivo “viral” tem por definição vinda da mesma fonte⁵ “algo virótico; relacionado com algum vírus ou causado por ele: febre viral”. Ambos os vocábulos têm em sua estrutura lexical o mesmo radical *vir-*, proveniente do latim, cuja definição para o elemento *virus* é “venenoso”.

Diante dessa perspectiva, entende-se que a ideia do ‘viral’ se intensificou semanticamente a uma condição polissêmica devido a comportamentos que textos como os *memes* trouxeram para a comunicação.

Todo signo é composto de signos constituintes e/ou aparece em combinação com outros signos, isso significa que qualquer unidade linguística serve, ao mesmo tempo, de contexto para unidades mais simples e/ou encontra seu próprio contexto em uma unidade linguística mais complexa.” (JAKOBSON, 2003, p.26).

Antes de tudo, é válido destacar que a língua nos transporta, com o decorrer de suas mudanças, para uma construção cada vez mais próxima aos fenômenos sociais que, paralelamente, admitem comportamentos os quais evidenciam inter-relação dos contextos.

Essa vem sendo uma tendência “viral” recorrente nos meios virtuais, nos quais, por meio dos *memes*, os usuários da internet podem tanto se deixar influenciar pelo humor, pela identificação como pela dúvida.

⁴ Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/viralizar/>> Acesso em: 27.jul out. 2022

⁵ Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/viral/>> Acesso em: 27.jul out. 2022

2. INFERÊNCIAS SEMÂNTICAS E AMBIGUIDADE

A semântica é a área que estuda o significado linguístico, tomando como objeto de análise palavras, expressões, enunciados, textos. Como variam os diversos conceitos dados a significado, temos uma variedade de semânticas e de teorias dentro dessa área de pesquisa e investigação linguística. Definir tais diferenças teóricas não é objetivo deste trabalho, pois em nossa proposta, de modo específico, remetemo-nos à semântica na medida em que os textos humorísticos recortados como objeto de análise apresentem duas situações: a) a necessidade da compreensão da informação implícita para se realizar a leitura desejada; b) a necessidade da compreensão do jogo lexical (considerando a ambiguidade como a relação lexical mais destacada) na construção do sentido linguístico do texto. Desse modo, buscaremos discutir sucintamente a noção de Inferência, e a relação de Ambiguidade, fenômenos importantes para a compreensão do humor dentro dos *Memes* que estão presentes no Capítulo 3.

2.1 Inferências

Diante da elaboração de qualquer proposta textual, compete ao enunciador, por meio da linguagem inserida, conduzir o leitor a uma interpretação para que haja, essencialmente, a construção da comunicação por meio desse texto. Nesse âmbito, a relação entre o que é dito e o que vem a ser interpretado, em regra geral, deveria ser suficiente para estabelecer o sentido que se deseja alcançar. Porém, é válido ressaltar que a partir da orientação da palavra ou da expressão, bem como o contexto no qual elas se inserem, pode haver conflitos na interpretação por parte do interlocutor.

Temos como base para as interpretações linguísticas o sentido comum ou estrito dos termos ou sentenças. É a partir dele que poderemos raciocinar se há ou não a possibilidade de mais de um sentido para o que vem a ser considerado. Encontramos no texto de Marcuschi (2008, p.249) “uma importante definição para a compreensão de inferência proposta por Rickheit, Schnotz & Strohner (1985: 8) “Uma inferência é a geração de informação semântica nova a partir de informação semântica velha num dado contexto”. O primeiro autor complementa, ainda, que:

as inferências na compreensão de texto são processos cognitivos nos quais os falantes ou ouvintes, partindo da informação textual e considerando o respectivo contexto, constroem uma nova representação semântica. Para tanto, será necessário ter clareza não apenas em relação ao que se deve entender por informação, mas também o que vem a ser contexto. (MARCUSCHI, 2008, p.249).

Sendo assim, entendemos que o discurso humorístico pode incidir em informações que estão para além do texto em si, sobretudo quando nos deparamos com as condições de

interpretações que o leitor admite diante de uma leitura prévia ou do primeiro contato com o que está sendo enunciado. A particularidade de muitas das condições humorísticas que pretendemos analisar lida - além do conhecimento de mundo e da contextualização a qual se agrega o texto – com a atenção do leitor com o que pode se mostrar implícito.

A partir da compreensão dos estudos semânticos, percebemos que a trajetória até a chegada ao discurso humorístico passa por níveis mais implícitos das condições de interpretação, tendo em vista que as relações são construídas com base nos recursos linguísticos, extralinguísticos e intencionais para que um texto - como o *meme* - possa ser inferido na perspectiva almejada. Com isso, os textos de humor admitem seus papéis a partir de importantes relações semânticas como as inferências, tanto as de natureza linguística quanto as de natureza contextuais.

Podem ser consideradas implícitas todas as informações que uma sentença veicula, sem que o falante se comprometa explicitamente com sua verdade. Essas informações precisam então ser “inferidas” a partir da sentença por meio de algum raciocínio que parte da própria sentença. É o que ocorre nos casos da pressuposição e do acarretamento (ILARI, 2006, p. 85).

Sendo assim, veremos como as implicações humorísticas presentes em outros gêneros textuais – como a *charge* - corroboram a necessidade de reforçar a interpretação do que está implícito.

2.1.1 Pressuposição

Sabemos que a decodificação linguística é uma condição essencial para a interpretação dos textos. Entretanto, quando tratamos de situações em que se espera pelo humor como resultado de leitura, devemos observar a trajetória da compreensão do texto, que vai da decodificação da superfície textual a variados níveis de inferências, por meio das quais se chega às informações implícitas.

Uma inferência linguística que fazemos na interpretação de alguns enunciados é a pressuposição. Neste caso, da leitura do conteúdo posto de um enunciado, chega-se à informação pressuposta, pois há uma pista linguística para tal, convencionada como marcador de pressuposição.

A pressuposição é, portanto, linguisticamente marcada nos enunciados, e esses marcadores se constituem de um leque bastante variado de elementos da língua, que, segundo Moura (2006), são: as descrições definidas, os verbos factivos (ex.: lamentar, saber), os verbos implicativos (ex.: conseguir, esquecer), os verbos de mudança de estado (ex.: começar), as

expressões iterativas (ex.: de novo), as expressões temporais (ex.: depois de) e as sentenças clivadas. Vejamos a função da pressuposição na charge apresentada.

Figura 3 – Charge “O que é aquilo no céu?”⁶



Fonte: Google Imagens, 2022

O texto pertence ao gênero charge, cuja função é a crítica política/social pelo humor, e se estrutura pela mescla do verbal e não-verbal. Ao ler o texto não verbal, percebemos que os personagens observam algo no céu e apontam para possível objeto. Daí imaginamos, apenas pela imagem de olhares e gestos, haver algo no céu. Quando lemos a parte linguística do texto, podemos fazer a seguinte análise: “há algo no céu, não sabemos exatamente o quê, mas há”. Somos levados a essa inferência pelas perguntas “É um pássaro?”, “É um avião?”. A estrutura frasal leva ao pressuposto de que há algo para o qual olham. Em sequência, derrubamos essa pressuposição, pois ao se mencionar gasolina, fica claro não se tratar de um objeto, e sim de uma alta de preço. E vale ressaltar que temos como informação pressuposta o fato de a gasolina já ter subido anteriormente, informação essa acionada pelo ativador “de novo”.

Desse modo, podemos afirmar que a pressuposição é um nível de inferência válido na interpretação dessa charge, mas não apenas, pois, diante de um gênero que explora os aspectos não verbais, inferimos também por interpretação contextual que fazemos das imagens.

O humor da charge se concretiza a partir da ideia pressuposta de haver constantes aumentos de valores correspondentes ao combustível – evento comum no cenário global –, e a expressão do último personagem corrobora o fato a partir do seu semblante de desapontamento ou decepção.

⁶ Disponível em: < <https://oestadoma.com/noticias/2021/05/20/charge-do-dia/>> Acesso em: 27.out. 2022

2.1.2 Inferência contextual

Ainda dentro do conteúdo humorístico proposto pela *charge*, observaremos aqui uma ideia semelhante ao que foi analisada na Charge 1, no tocante ao aumento dos preços, mas reconhecida dentro de uma condição ainda mais implícita que nos levará a entender o a ideia da inferência contextual.

Figura 4- Charge ‘‘Meia cenoura’’⁷



Fonte: Google Imagens, 2022

Como dito anteriormente, espera-se do gênero *charge* uma relação humorística correspondente a uma crítica social, e, nesta segunda imagem, houve uma incidência menor de elementos linguísticos, limitando-se apenas ao preço na placa do vendedor e à fala da mulher.

Tendo em vista que se trata de uma situação comum do cotidiano, o humor pretendido nesse texto não se limita apenas à relação de compra e venda. É de conhecimento geral que os números os quais representam o preço da cenoura em *unidade* ou em *quilo*, ainda que em qualquer um dos casos, estão demasiadamente altos para o que espera ser encontrado nos supermercados ou feiras livres. Com isso, entende-se que a fala da mulher em que se é pedida apenas ‘‘meia’’ cenoura, leva-nos às seguintes interpretações:

- a) A mulher não tem dinheiro suficiente para levar mais do que meia cenoura.
- b) O valor da cenoura em si está tão abusivo que a mulher se recusa a gastar tanto.

Entretanto, quando nos deparamos com o contexto implícito na situação, percebemos que, em primeiro lugar, a data de publicação da charge no site do *tribunaribeirao.com.br* é

⁷Disponível em: <: <https://www.tribunaribeirao.com.br/site/charge-8-de-junho-de-2022/> > Acesso em 08 nov.2022

compatível com a o pior momento inflacionário no Brasil no ano de 2022, em que, até mesmo alimentos e insumos tão comuns e necessários entre os brasileiros, como é o caso da cenoura, alcançaram o ápice de sua escassez e ultravalorização no mercado, em virtude da crise vivenciada nesse mesmo ano.

Dessa forma, entendemos que o nível de humor está ainda mais implícito na *Charge 2* pelo fato de a situação estar tão alarmante, que a interlocutora solicita um produto que dificilmente consegue ser vendido de forma fragmentada ou, no caso, pela metade.

Ainda neste capítulo, veremos como a *ambiguidade* se encaixa numa implicação capaz de promover uma indeterminação de sentido, mas que, ainda assim, é a partir dela que os *memes* os quais analisaremos no capítulo 3 terão a validade necessária para o discurso humorístico, sendo, portanto, a relação semântica mais destacada para tais análises.

2.2 Ambiguidade

Como falantes da língua portuguesa, provavelmente já nos deparamos com alguma situação em que o sentido de um determinado vocábulo ou expressão não quis necessariamente expressar aquilo que buscamos entender. Essa quebra de expectativa, em muitas situações, está ligada à ambiguidade.

Anterior ao conceito da própria ambiguidade, conceituaremos aqui os instrumentos nos quais ela pode aparecer, o que Saussure chama de signo. O signo linguístico é composto de uma correlação entre o significante, também chamado de imagem acústica, e o significado, que é justamente o conceito ao qual ele se refere. Para o linguista “um indivíduo não somente seria incapaz, se quisesse, de modificar em qualquer ponto a escolha feita, como também a própria massa não pode exercer sua soberania sobre uma única palavra”. (SAUSSURE, 2006, p. 85).

Isso significa que a correspondência lexical não está estritamente ligada à sua definição projetada e engessada para servir aos dicionários, até mesmo porque, atualmente, esses buscam apresentar o máximo de relações possíveis com o léxico diante das suas significações no cotidiano. Dessa forma, a ambiguidade encontrada em muitos termos ou situações, é fruto da manutenção da própria língua em buscar se estabelecer dentro do seu contexto.

Todo falante sabe que dar o significado das palavras não é uma tarefa fácil. Às vezes, pensamos que sabemos o significado de determinada palavra, mas, quando tentamos estabelecê-lo exatamente, ele nos foge. Isso se deve ao fato do significado, na maioria das vezes, estabelecer-se a partir de um determinado contexto. Geralmente é mais fácil definir uma palavra se esta é dada no contexto de uma sentença. Efeitos contextuais podem direcionar os significados das palavras para diferentes caminhos. (CANÇADO, 2008. p.57).

Sendo assim, como forma de ilustrar, acompanhemos a seguir alguns tipos de ambiguidade presentes em situações do cotidiano.

2.2.1 Ambiguidade Lexical

Analisemos, antes de mais nada, a seguinte proposição:

Situação 1: Esqueci minha carteira no banco enquanto conversava.

A sentença acima traduz uma situação aparentemente comum do cotidiano, facilmente passível de acontecer com qualquer indivíduo. Porém, ao buscar interpretá-la de forma semântica, notamos que existe uma abertura lexical para mais de um tipo de interpretação. A palavra “*banco*”, conforme o que vimos até aqui, e principalmente, diante do fato das percepções linguísticas poderem também se estender ao contexto, impede que o leitor/analizador a traduza num único sentido, uma vez que, segundo os dicionários, *banco* é um substantivo cujo significado pode fazer referência tanto a uma agência bancária, como também a um tipo de assento encontrado em praças ou shoppings.

“Na ambiguidade, as palavras possuem dois ou mais sentidos diferentes. Em alguns casos, os diferentes sentidos não apresentam relação, como ocorre com o termo *banco*, em que temos os sentidos *banco*₁=assento e *banco*₂=instituição financeira, processo definido como homonímia. Em outros casos, denominados de polissemia, é perceptível que os sentidos estejam relacionados, como em *igreja*, cujos sentidos podem ser ao menos três: espaço físico, instituição religiosa e grupo de pessoas que dela fazem parte.” (FERRAZ, 2013, p.3).

Confirmando o pensamento da autora, nessa situação, encontramos, assim, um tipo de *ambiguidade lexical*.

2.2.2 Ambiguidade referencial

Ainda sobre ambiguidade, encontramos situações em que a disposição dos léxicos num enunciado pode interferir no sentido. A essa circunstância, entende-se a *ambiguidade referencial*.

Situação 2: O computador é um grande instrumento de trabalho do homem, mas ele nem sempre realiza suas tarefas.

Percebe-se, a partir do enunciado, que existe uma ambiguidade a partir da seleção pronominal ‘‘ele’’ e ‘‘suas’’, projetando mais de uma possibilidade de interpretação, uma vez que ‘computador’ e ‘homem’ são ambos substantivos masculinos e operadores de trabalho. Logo, é possível destacar que a situação pode estar falando exclusivamente do ‘computador’, limitando a sua operacionalidade, ou do próprio indivíduo, relacionando-o a um comportamento de negligência. Cabe ainda outros tipos de interpretação, mas é fato que, para uma construção alinhada ao discernimento do interlocutor, tal ambiguidade deve ser corrigida. Para isso, podemos considerar que a sentença adequada, para falar sobre a impressão do homem como elemento determinante da ação do verbo ‘‘realizar’’ seria:

O computador é um grande instrumento de trabalho do homem, mas o indivíduo nem sempre realiza suas tarefas.

Com a reconstrução a partir de um novo léxico, como ‘‘indivíduo’’, observamos que há a exclusão da possibilidade de estarmos considerando ainda que a sentença se trataria do ‘‘computador’’.

2.2.3 Ambiguidade Fonética

Figura 5 - Tirinha ‘‘Concerto x conserto’’⁸



Fonte: Google Imagens, 2022

A imagem acima se trata de um texto de humor do gênero *Tirinha* cujo objetivo seria, inicialmente, de apresentar o fenômeno linguístico da paronímia, em que o personagem sofre uma penalização pela ‘‘exemplificação indevida’’ da palavra ‘‘concerto’’. A verdadeira

⁸ Disponível em: https://apppublico.com.br/educacao_jeriquara/pdf/20210223160656_1614106610413.pdf > Acesso em 05 nov.2022

intenção que estabelece o humor só é revelada no último quadrinho, quando há o reconhecimento do contexto no qual o jovem buscou aplicar a sentença, afirmando: ‘‘A Sra. não sabe. Meu mecânico toca tuba na banda, todo domingo.’’ Diante da sua consideração final, percebemos que as palavras parônimas – que aqui são exemplificadas pelo caso de ‘‘concerto ou concerto’’, não expressam necessariamente o mesmo sentido.

O fato é que, embora se trate de um discurso texto explícito, inserido num gênero de ampla divulgação com intenções de também agregam as implicações da ortografia, podemos considerar que os léxicos em questão poderiam ter provocado uma situação de ambiguidade. Para melhor esclarecer, imaginemos a seguinte situação:

Indivíduo A pergunta: Vamos ao shopping na tarde de amanhã?

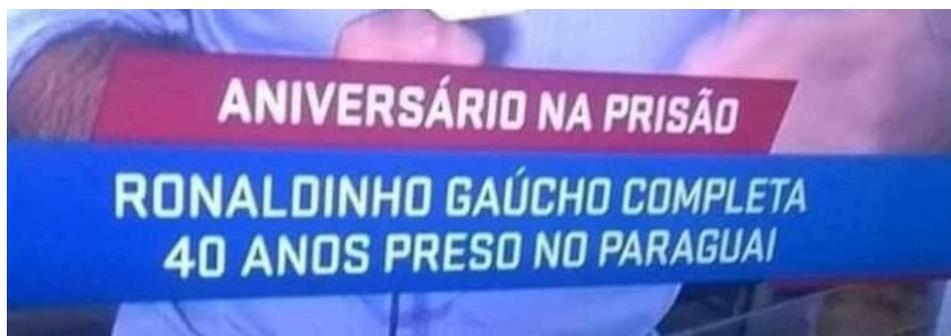
Indivíduo B responde: Infelizmente não posso, pois tenho um concerto/concerto.

Se pudéssemos imaginar esse diálogo formalizado apenas numa condição de oralidade, o indivíduo A se depararia com uma condição de ambiguidade fonética, que o levaria a questionar ao indivíduo B de que tipo de evento o impediria de acompanhá-lo.

Diferentemente, o personagem da tirinha 1 aplicou a ideia do ‘‘mecânico’’ na sentença que, necessariamente, levaria a professora a compreender que se tratava de um concerto de automóveis e, por isso, foi penalizado. Dessa forma, percebemos a necessidade de um olhar pragmático para que haja a precisão do sentido das condições do texto.

2.2.4 Ambiguidade estrutural

Figura 6- Manchete - (Ronaldinho preso)⁹



Fonte: Google Imagens, 2022

A manchete da reportagem pode ser caracterizada por uma *ambiguidade estrutural*, uma vez que o texto permite que o telespectador tenha a possibilidade de dois tipos de leitura. É importante frisar que, para esse grupo, é sabido sobre a condição ilógica do jogador ter

passado os últimos 40 anos preso, porém, ainda é preciso fazer com que a sentença possa ser escrita adequadamente.

Se pudéssemos reconstruí-la de forma apropriada ao real contexto que a matéria quis passar, uma das frases possíveis seria:

Preso no Paraguai, Ronaldinho Gaúcho completa seus 40 anos de idade.

Logo, entendemos, por meio das leituras feitas a partir dos textos exemplificadores desse tópico, que várias são as situações que podem provocar ambiguidade e em diferentes contextos, mas, independente disso, a ambiguidade, quando utilizada no *meme*, promove um único efeito, condição fundamental para todo e qualquer texto de humor: a quebra de expectativa.

Com isso, faremos a análise de textos dessa natureza no capítulo seguinte, a fim de apontar a ambiguidade dentro de *Memes* que foram repercutidos, em sua maioria, num contexto social – pandemia do novo coronavírus - em que dificilmente o humor se tornaria algo tão expressivo, mas que, diante de algumas situações obstinadas a esse novo cenário, entendeu-se que o humor dos memes tornou-se fundamental para um alívio cômico coletivo.

⁹Disponível em: <<https://linguisticadoboteco.home.blog/2020/03/24/a-lingua-que-nos-faz-rir/>> Acesso em 06 nov.2022

3 ANÁLISE

O objeto de análise deste trabalho foi completamente coletado na internet, através de portais virtuais que identificaram o fenômeno do meme também apresentado no contexto da pandemia da covid-19. Ao todo, selecionamos 5 *memes* para a análise com conteúdos exclusivos e adequados ao contexto de situações as quais os indivíduos se identificariam diante do que foi vivido neste período. Com isso, começaremos analisando 1 *meme* formado praticamente por uma imagem, fazendo com que seja um texto predominantemente não-verbal. Em seguida, concentraremos as leituras para as situações de *ambiguidade*. Avaliaremos, a partir de 2 *memes* que compartilham a mesma imagem, como uma situação do cotidiano pode se adaptar a mais de um discurso em sentenças de humor. Sequencialmente, buscaremos tratar de situações da pandemia com 1 *meme* para debater, ainda que por meio do discurso humorístico, as dificuldades de lidar com esse evento para que, finalmente, encerremos com um exemplo de meme que trabalha a *intertextualidade*, envolvendo também, a condição pandêmica.

3.1 Memes da pandemia

Figura 7 – Meme “Corona vírus?”¹⁰



Fonte: Google Imagens, 2022

¹⁰ Disponível em: <https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g187514-d18220422-i458739685-New_Garden_cerveceria-Madrid.html/> Acesso em 8 out.2022

A Figura 7 foi escolhida para que possamos acompanhar as primeiras impressões da trajetória do coronavírus no discurso humorístico. Com efeito, trata-se de uma imagem que busca a princípio, a fusão entre o “corpo” do vírus e de sua “coroa” a partir da cerveja denominada pelo mesmo nome. O fato é que essa circunstância em comum permitiu que pudesse ser estabelecido esse jogo de palavras e, aproveitando o formato da cerveja como o da “coroa” do vírus, o leitor logo poderia pensar que se trata de uma publicidade. Afinal, o entendimento do *meme* prevê que o leitor associe o único texto verbal “corona” à marca da cerveja e a ser promotor da covid-19. Entretanto, sabendo que estivemos diante de uma crise de saúde pública, seria inapropriado para a marca *Corona* aproveitar-se do momento para seu próprio enaltecimento. Logo, compreendemos que, como dito anteriormente, se o *meme* está presente no meio virtual com objetivo de humor e disseminação, poderíamos acreditar que tal imagem pode ter sido construída a partir de um usuário anônimo.

Logo, o **anonimato** é uma das características mais presentes no processo de autoria do *meme*. É até fácil que, imagens como essa, sejam localizadas em diferentes perfis nas redes sociais como *Instagram*, *Whatsapp* ou *Facebook*. Entretanto, diante do seu alto potencial de disseminação em virtude do contexto humorístico, o maior desafio é o de poder identificar de onde veio a fonte geradora da impressão. Muitos desses textos podem revelar o humor em diferentes condições. Diante da *polissemia* do termo “corona”, foi possível que esse jogo de elementos imagéticos estabelecesse um contexto satírico em meio à seriedade do enfrentamento dessa ameaça.

Figura 8 – *Meme* “O farmacêutico e a tosse”¹¹



Com o avanço do número de casos confirmados da doença da covid-19, a Organização Mundial da Saúde, o Ministério da Saúde e demais entidades responsáveis pela manutenção da vida pública estabeleceram que um dos sintomas mais frequentes e persistentes que poderia estar ligado à infecção por coronavírus era a **tosse**. Esse “sinal de alerta”, que acaba se tornando um sintoma resistente ao processo de cura total da doença, mobilizou muitas pessoas às farmácias e centro de atendimentos para cuidados sintomáticos-respiratórios, uma vez que, pela ausência de vacina e tratamentos definitivos, poderia revelar o surgimento de outras doenças ou até mesmo de uma reinfecção da covid.

Diante disso, a Figura 8, amplamente disseminada no período da pandemia, evidencia uma situação em que uma mulher enferma busca uma sugestão farmacêutica para melhorar de sua tosse. Porém, o que podemos perceber é que, mais uma vez, a sentença escolhida estabelece uma relação de *ambiguidade*, criando margem para que a interpretação do farmacêutico gerasse uma quebra de expectativa para o leitor.

A construção do enunciado “Você tem algo contra tosse?” pode vir a estabelecer mais de um sentido: a) algo que ataque a tosse; b) algo contra o ato de tossir. Ainda que exista a inferência formada pela leitura visual do estabelecimento e do farmacêutico, que nos conduza à interpretação (a), a relação de humor é ampliada pela quebra de expectativa, quando a resposta do interlocutor nos leva à interpretação (b), fato que só é possibilitado pela ambiguidade explorada no texto. Novamente, reiteramos que, numa condição manifestada no mundo real, a informalidade do discurso dificilmente levaria um farmacêutico a optar por tal interpretação.

Dessa forma, compreendemos que o *meme* cumpre o seu objetivo humorístico e até mesmo conscientizador, fazendo com que a situação projetada possa ajudar a instruir os indivíduos a buscarem **instruções de saúde** quando necessário. Isso se deve pelo fato de que se tornou no cenário brasileiro a prática da automedicação. Dados do Conselho Federal de Medicina indicam que 77% dos brasileiros fazem o uso de medicamentos sem qualquer orientação médica.¹²

¹¹ Disponível em: < <https://www.mypharma.com.br/blog/frases-de-farmaceutico/> Acesso em: 27 out. 2022>

¹² Disponível em: < <https://copass-saude.com.br/posts/os-riscos-da-automedicacao-aumentaram-com-a-pandemia#:~:text=Dados%20do%20Conselho%20Federal%20de,ainda%20mais%20vulner%C3%A1vel%20aos%20riscos>> Acesso em: 21.out. 2022

Em sequência, veremos como a mesma imagem se visualiza e se repete em outros memes com situações de temas semelhantes, mas não necessariamente no mesmo contexto da pandemia. Por isso, é importante destacarmos que a fonte da imagem que provoca a situação é anterior ao recorte de cenário aqui estudado, mas que, ainda assim, foi fator determinante para a construção da Figura 8.

Figura 9 – Meme “O farmacêutico e a paciente com diarreia”¹³



Fonte: Google Imagens, 2022.

Sabendo que se trata da mesma figura, cuja cena destaca um atendimento farmacêutico, percebemos que, mesmo num contexto diferente, estabeleceu-se uma caracterização ou estereotipação da conduta do profissional, diante da abordagem da emissora o que nos leva, novamente, a uma condição de ambiguidade, pelos desvios da colocação da sentença. A ausência de uma conexão com outros vocábulos – como poderia ser “ posso tomar esses comprimidos estando com diarreia?” – provocam a sustentação do humor diante da interpretação do farmacêutico.

¹³ Disponível em: < <https://piadas-e-videos.com/imagem/como-tomar-comprimidos-15873> > Acesso em: 21.out. 2022

O grande objetivo da *Figura 5* no trabalho é, sobretudo, determinar que é possível haver uma fragmentação do *meme*, ou seja, utilizá-lo em parte para que se estabeleçam novas situações que passam por modelos semelhantes. Vemos aqui que cenas como essa poderão sempre permanecer, portanto, associadas ao contexto da saúde e marcadas pela ambiguidade presente na fala da mulher, bem como no humor estabelecido pela idealização do farmacêutico como interlocutor. Logo, valida-se o que vimos no tópico 1.4 sobre os *memes* poderem, de fato, ser compreendidos como gêneros cujo intuito seja o de poderem se **replicar** de forma **integral** ou **fragmentada**.

Figura 10 – *Meme* ‘‘Perfil de cadastro’’¹⁴



Fonte: Google Imagens, 2022

A Figura 10, *meme* comumente encontrado em redes sociais como o Facebook, aponta em sua leitura uma ideia metalinguística de um perfil de cadastro que atribui, como futuro usuário, o próprio coronavírus.

A disposição de suas informações é sequenciada, inicialmente, pelas características comuns a todos que buscam ingressar nessa rede social. *Nome, sobrenome, apelido, idade, nacionalidade*. No texto, esses tópicos são preenchidos com naturalidade e facilmente interpretados pelos leitores que já encontram o humor desde o fato de se tratar de um ‘‘vírus’’ na condição de usuário de rede social.

¹⁴ Disponível em: <https://br.ifunny.co/picture/nome-corona-sobrenome-virus-apelido-covid-idade-19-nacionalidade-china-X02KjSpW7> Acesso em: 15.out. 2022>

Porém, é justamente no quesito ‘*status de relacionamento*’ em que nos deparamos com a condição ambígua oferecida pelo *meme*, uma vez que, numa condição natural de preenchimento da informação, as ofertas limitadas ao tópico seriam de *solteiro; em um relacionamento sério; casado; viúvo*. Logo, tendo em vista a impossibilidade de atribuir ao vírus quaisquer dessas condições, vemos a ambiguidade construída a partir da lexicalidade, apresentada no tópico 2.2.1.

O termo ‘*pegando*’, provém do verbo ‘*pegar*’ que, semanticamente, pode apresentar formalmente:

- a) Sentido de segurar ao ponto de deixar preso ou agarrar
- b) Flagrar ou encontrar de forma surpreendente

Entretanto, no caso do *meme*, vemos que existe uma entonação informal que busca preencher a lacuna sobre a condição do relacionamento, a partir do contraponto entre ser uma relação ou se fixar a alguém que seria, nesse caso, ‘*todo mundo*’. A forma verbal do gerúndio em ‘*pegando*’, também é responsável por corroborar o humor juntamente ao seu objeto direto ‘*todo mundo*’, uma vez que a disseminação covid-19 se tornou algo incontrolável a tal ponto de se caracterizar como um fenômeno de *pandemia*. Logo, é importante frisarmos que a escolha desse *meme* busca trazer também a ideia de que indivíduos de todo o planeta se tornaram figuras passíveis de se ‘*relacionarem*’ com o *vírus*, contraindo-o.

Dessa forma, acreditamos que o próximo *meme* a ser analisado, ainda que busque trazer uma relação de humor num contexto ambíguo dentro das condições da pandemia, já alcança uma reflexão mais crítica da trajetória que temos feito até o momento.

Figura 11 – *Meme* ‘Será mesmo o mesmo barco?’¹⁵



Fonte: Google Imagens, 2022

O meme escolhido para o fechamento das análises traz algumas características das relações de humor já conhecida na *charge*, indicadas no capítulo 2. A relação entre as características verbais e não-verbais do texto, bem como a crítica estabelecida às condições sociais, buscam intensificar ainda mais as circunstâncias do humor presente na figura.

Não podemos admitir que o empresário Roberto Justus tenha realmente promovido publicamente esse pensamento e esse fato de anexar ideias que não são necessariamente verdadeiras, corroboram as características do *meme* de ser um gênero textual de autoria incerta e de circunstâncias que dão, até mesmo a uma crítica social, um sentimento de alívio cômico.

Mas, por mais que os interlocutores encontrem umnexo na ideia construída, pelo fato mencionado na análise da figura 10 em que a covid-19 está pegando “todo mundo”, a ambiguidade aqui constada está na quebra da expectativa promovida pela ideia do “barco”. Esse, diante da expressão popular ‘estamos no mesmo barco’ deveria indicar implicitamente o fato de que a situação do **isolamento** e da **vulnerabilidade** ao vírus são comuns aos indivíduos, como incitamos na análise da figura 10. Entretanto, o que realmente corrobora a construção das relações de humor em questão se confirma pelo comparativo das imagens pelo denotativo: o barco do empresário e a representação do barco dos demais cidadãos.

Dessa forma, percebemos a contradição na “democracia” para o enfrentamento da covid-19 e as formas como as diferentes classes sociais conseguiriam “driblar” a situação. Com isso, entendemos que a **desigualdade social** também se mostra presente até mesmo quando acredita-se ser uma situação comum aos indivíduos, contribuindo, portanto, para a ideia inicial que incentivou a escolha para análise desse último meme, sendo essa o fato de que a doença já não estaria trazendo mais tanta graça assim.

Em isolamento ou não, ao todo e até o presente momento da finalização deste trabalho, quase 700 mil vidas brasileiras se tornaram vítimas fatais desse momento catastrófico, e, mesmo diante dos percalços ligados ao isolamento, à desigualdade, às fake news e à vulnerabilidade, buscamos, pois, remediar os estigmas - enquanto não havia indícios de melhorias ou vacina - através do discurso de humor com o *meme*.

¹⁵ Disponível em: <https://br.ifunny.co/picture/roberto-justos-barco-meme-JFD5ABN W7> Acesso em: 25.out. 2022>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações humorísticas podem ser apresentadas em diferentes modalidades textuais e por meio de diversos nichos ou assuntos. Sabemos que cabe a cada um, como leitor, lidar com a ideia de sua interpretação atingir um nível implícito que valide as intenções do texto. Por mais que pudesse parecer inconcebível atrelar o discurso humorístico a um momento tão desesperador como foi a pandemia da covid-19, buscamos objetivar nesse trabalho a importância do gênero *meme* como uma válvula para que todos, ainda que brevemente, pudessem de alguma forma escapar dos horrendos acontecimentos que monopolizavam os conteúdos midiáticos.

A semântica presente na ambiguidade foi fundamental para a condução das análises dos textos, uma vez que, por meio desse segmento, pudemos selecionar *memes* que não se limitassem a serem estudados apenas por seus aspectos linguísticos. Nesse sentido, conseguimos fazer um panorama histórico da progressão do discurso humorístico que acompanhava a pandemia, que nos auxiliou a revelar conteúdos que vão além do humor provocado pela quebra da expectativa provocada pela ambiguidade.

Foi fundamental poder acrescentar nossas impressões críticas em cada um dos textos, como forma de apresentar o importante papel social *meme* diante de situações que dependiam de circunstâncias políticas, tanto do estado como da sociedade civil, para que se alcançasse ao máximo uma conscientização quanto às mazelas que poderiam ser causadas nesse momento de calamidade.

Por isso, é crucial que todo esse conteúdo interdisciplinar também possa ser inserido e compartilhado na docência do ensino básico, sobretudo entre alunos de Ensino Médio, que entendem a importância dessa interdisciplinaridade para objetivos como a prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Dessa forma, poderíamos visualizar uma manutenção na forma de abordar a semântica em sala de aula e trabalhar, de forma criativa e conscientizadora, as habilidades referentes à interpretação textual, por meio de atividades que permitam construir um conhecimento linguístico com maior criticidade.

Chegamos às considerações finais concluindo que, nos três capítulos desenvolvidos neste trabalho, pudemos, ainda que minimamente, correlacionar os estudos de aspectos semânticos-textuais a um discurso humorístico inserido num gênero textual predominantemente virtual, diante de um recorte de cenário único na história da humanidade. Assim, esperamos

contribuir com futuras linhas de pesquisa que busquem aprofundar ainda mais os conhecimentos atribuídos aos referentes assuntos presentes nesse trabalho.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. M. . **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 6 ed. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BARTHES, Roland, **Inéditos**. São Paulo: Martins Fontes, 2004, vol. 1.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa**. MEC, 1998.
- CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica: noções básicas e exercícios** / Belo Horizonte: Editora UFII'1G, 2008
- FERRAZ, Mônica Mano Trindade. HOMONÍMIA OU POLISSEMIA? Contribuições da semântica lexical para a organização de dicionários. IN: ARAGÃO NETO, Magdiel Medeiros; CAMBRUSSI, Morgana Fabíola (orgs.) **Léxico e Gramática: novos estudos de interface**. Curitiba, PR: CRV, 2013.
- FILHO, Urbano Cavalcante; TORGA, Vânia Lúcia Menezes. **Língua, Discurso, Texto, Dialogismo e Sujeito: compreendendo os gêneros discursivos na concepção dialógica, sócio-histórica e ideológica da língua(gem)**. I Congresso Nacional de Estudos Linguísticos (Ufes), 2011.
- ILARI, R. Implícito I e II. In: **Introdução à Semântica: brincando com a gramática**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 85-100.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**/ Editora Pensamento. São Paulo: 2003.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 7ª Ed. São Paulo: Contexto, 2003
- MARCUSCHI, Luiz Antônio Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- _____. (2008). Produção textual: análise de gêneros e compreensão SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antônio Chelani, José Paulo Paes e Izidoro Bilkstein. São Paulo: Cultrix, 2006.
- MOURA, Heronides Maurílio de Melo. **Significação e contexto: uma introdução a questões de semântica e pragmática**. 3ª ed. Florianópolis, SC: Insular, 2006.
- REIS, H. Karina. **Relações de pressuposição e acarretamento na compreensão de textos**. Revista Versalete, vol.1, nº 1. Curitiba: 2013